

Portugués.

Ética freudiana para a prática psicanalítica

Silvina Hernández

A convocação para este congresso de Convergência é feita por meio de uma pergunta. "QUE ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA HOJE?" cuja resposta é antecipada no argumento proposto pelo convite.

Deste argumento e após um trabalho institucional sobre o assunto, surge a minha resposta a esta questão. Que ética? A ética freudiana, que chamarei Don't forget Freud. Não se esqueça de Freud. Essa frase, assim em inglês, foi o título de uma exposição que aconteceu em 2018 no Sigmund Freud Museum em Viena, na casa de Freud. E que meus colegas do Conselho Diretivo abordaram a Mayéutica e estávamos trabalhando nisso.

O que dizer dessa linda frase: Don't forget Freud. Primeiramente, destacar a importância das traduções dos textos freudianos para sua preservação. Graças às traduções para o espanhol e o inglês, sobreviveram às grandes guerras.

Destaco este ponto pela importância que damos na Convergência às línguas, às traduções das obras, é um esforço que vale a pena fazer. Hoje nossas obras traduzidas podem estar nas redes sociais, em páginas da web e ter um alcance que faz links inesperados.

Em segundo lugar, a ambigüidade da frase, pois se não estiver em um contexto específico pode ser traduzida de várias formas diferentes: não esqueça, não se esqueça, não vamos esquecer e todas são válidas.

Terceiro, a contradição ou o paradoxo do significado da frase, já que o esquecimento é algo que acontece, que não pode ser controlado pela consciência. E a isto acrescenta-se que a frase é precedida de um NÃO, então sabemos que estamos a negar algo que queremos afirmar. O esquecimento é também a condição da memória, seria impossível falar se não condensássemos em palavras ou conceitos, todas as ideias que compõem um objeto, diante do impossível de dizer tudo, e do fracasso daquilo que acreditamos dizer como verdadeiro.

Freud é um acontecimento porque localiza o conflito que a sexualidade, como complexo e como trauma, provoca no ser humano, gerando efeitos no corpo que não podem ser explicados pelo orgânico e que não dependem da consciência ou da vontade. A atualidade desse conflito em nossa prática analítica é cotidiana, as questões de sexualidade e gênero são uma das marcas a serem destacadas no dizer de nosso tempo.

Freud deve "inventar" os conceitos de inconsciente e pulsão para poder dizer algo sobre a sexualidade.

Além disso, de *A Interpretação dos Sonhos e Psicopatologia da Vida Cotidiana*, ele aproxima as neuroses da normalidade do ser humano.

A psicopatologia que interessa à psicanálise é a do cotidiano, e a ferramenta para abordar essa causa é a linguagem. Porque somos falantes e é a própria língua que causa o sofrimento que ela denuncia.

Assim, a ética que corresponde à psicanálise não é a do bem soberano, como diz Lacan no seminário de *Ética*, mas aquele efeito da incidência da descoberta freudiana, que coloca o locutor desejando um objeto, mais próximo da coisa, no sentido de *Das Ding*, do que para a verdade e o bem da filosofia. Esse desejo inconsciente é em relação à mãe, como um objeto proibido e incestuoso. Lacan diz naquele seminário que Freud dá uma resposta à crise moral. Onde a filosofia e as religiões introduzem no questão ética ao "bem soberano" ou bem supremo. Freud coloca o *Das Ding*. Enquanto a mãe é um objeto perdido na origem, incestuoso e proibido.

Freud inaugura a cura do sofrimento neurótico com o uso simbólico da palavra. Muitos anos depois, Lacan diria que a linguagem não pode ser usada a menos que se admita que ela está ligada a algo que atravessa o real. "A eficácia da linguagem é baseada na função do que chamei de buraco no real." (Sem. 23).

Chamemos isso de condições iniciais a partir das quais um sujeito é constituído.

A estruturação subjetiva já não se define apenas pelos "tempos rígidos do Édipo" à maneira de Lacan no seminário 5, mas pela possibilidade de partir de certas condições iniciais, em relação às quais só há a possibilidade de desvios. A maneira das teorias do caos das quais a psicanálise se inspira depois de Lacan.

Essas teorias colocam um problema muito próximo ao nosso trabalho, poderíamos pensar em um nó temporário na diferença intrínseca entre a ação voltada para o futuro e a integração no presente da experiência do passado. (Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. *A Nova Aliança*.) Não é um tempo linear.

A criança vem ao mundo em determinadas condições iniciais e depois disso tudo são derivas, desvios, cortes e conexões, no desenvolvimento do drama edipiano e com aqueles que desempenham as funções de pai/mãe, e ocupam lugares diferentes, no que diz respeito seu desejo e prazer. Daí derivará a identidade sexual e o exercício da sexualidade como modos próprios, subjetivos, fantasmáticos, localizados em um determinado tempo e lugar.

Modos de gozo que têm um cunho de época, mas isso tem um risco em relação às práticas atuais, que é assumir uma subjetividade igual do "hoje" para todos os contemporâneos e que nesse contexto se perde a singularidade do um para o outro. Daí a arte do nosso trabalho.

Assim como Lacan modifica suas ideias em relação à linguagem, ele passa do predomínio do

simbólico para o buraco desin-no real, o que não muda é que a sexualidade e a morte são para Freud, mesmo depois de passar pelo complexo de Édipo, a rocha viva de castração. Algo do impossível perdura como real.

Esse conceito freudiano se aproxima do real lacaniano de seus últimos seminários, onde afirma que a única coisa que atravessa esse real é a linguagem. Vamos levar em conta, por exemplo, a quantidade de nomes e palavras que precisamos para falar sobre as práticas da sexualidade hoje. Tudo o que temos para explicar.

Então partindo da ética freudiana, como pensar a prática clínica hoje. Lacan nos dá uma novidade no seminário 23:

"Na análise... todo sujeito revela que não passa de uma suposição. Quero dizer que o sujeito como tal está sempre dividido. Trata-se de dar conta do que constitui o real dessa divisão." Esta é a novidade. "Nesse assunto precisamos voltar a Freud, pois foi ele quem abriu caminho para que isso seja apreendido"

Freud conseguiu a intenção de dizer a verdade sobre o homem" e esclarece que Freud, um senhor burguês de seu tempo, que acreditava no início do século XX em todos os benefícios que a ciência traria à humanidade, ainda situava o ser humano como não racional.

E Lacan dá sua contribuição, acrescentando que a verdade, como o sujeito, só pode ser meio dita, "meio dita". Este é o real da divisão subjetiva. Lacan na aula 2 do seminário 23 (12/9/75)

Lacan apresenta uma definição de linguagem em um sentido diferente daquele de comunicação ou instrumento da mensagem, ele expressa que a única forma de pensar o uso da linguagem e sua eficácia é pensá-la como aquilo que atravessa o real, como "aquilo que opera a captura do real".

Em Mayéutica chamamos este modo de operar com o real: Realinguagem.

Para terminar:

A poesia, ou melhor, os poetas, nos ensinam a usar as palavras e demonstram o efeito que elas têm.

Tomemos como exemplo a natureza, diz a poetisa Cristina Rivera Garza em seu livro sobre o México e as viagens de Juan Rulfo. "Sabe-se que a paisagem é apenas meio natural. O que acontece entre o horizonte e o olhar: isso é a paisagem."

Ou seja, a paisagem está, entre um lugar que não existe na realidade, no horizonte, e um sujeito envolvido que assiste. E segue citando Rulfo dizendo que o poeta teve a necessidade de inventar sua própria paisagem, que só pode ser realizada na escrita.

Diz Rulfo em seus cadernos citados por Rivera Garza:

"Existem muitas coisas intraduzíveis,  
pensamento em sonhos,  
intuído,  
para o qual se pode encontrar seu verdadeiro significado apenas com o som original... a cor.  
Inefável.  
A linguagem do inefável.  
A aventura do desconhecido.  
inventar uma paisagem  
ou uma nova paisagem de um país"

Cristina Rivera Garza. *Había mucha neblina o humo o no se qué*. Ed. Random House. 2017

Barcelona, maio de 2023